

O paradoxismo
ou a antipoesia



L • E • T • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL ANO I Nº 11

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 28 de abril de 1994

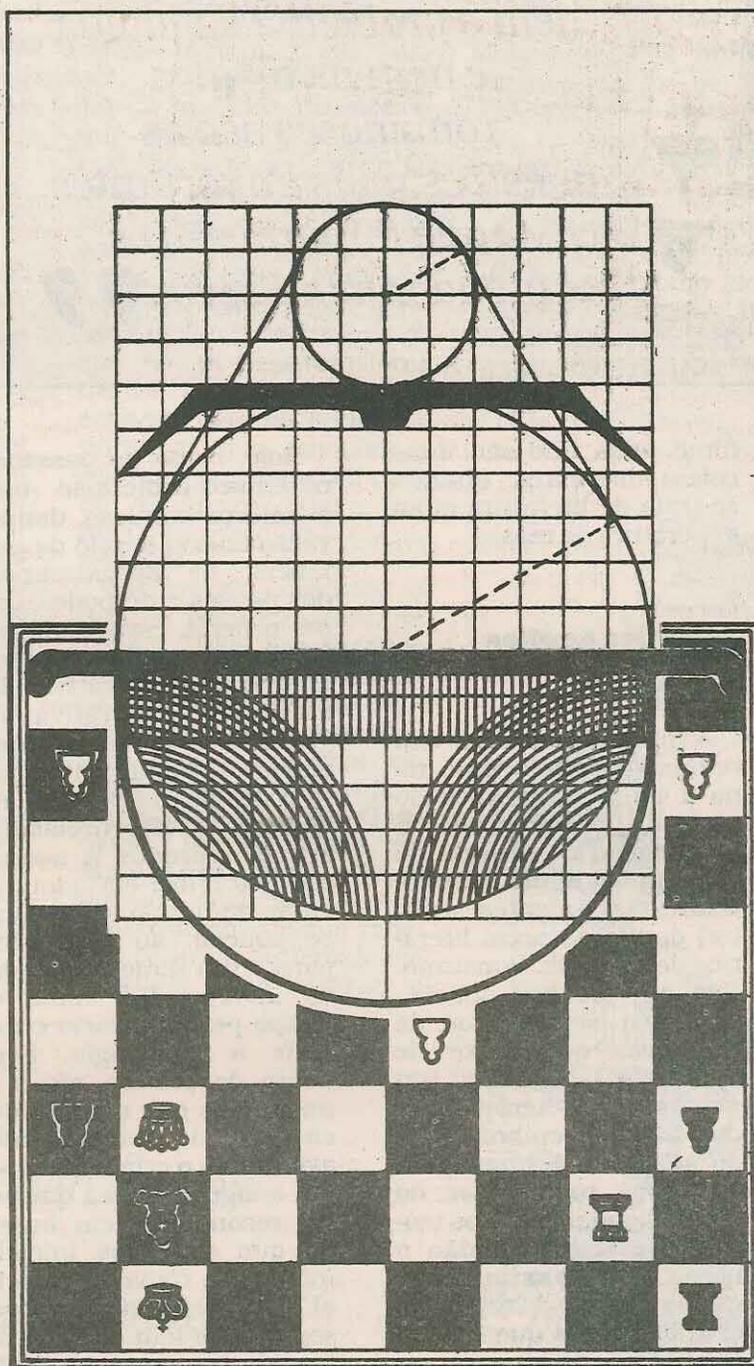


**A estética
do desejo
inusitado**

SEXO e Intriga

O que é um Best-Seller?

□ Wilson Rossato



Hercule Poirot

Os franceses dão o nome genérico de "paraliteratura" (paralittérature) para o que nós convencionalmente chamamos de literatura da massa. Ou seja, o **best seller** que vende milhões de exemplares e enriquece seus autores e editores com textos considerados "digeríveis" e "envolventes", próprios para o entretenimento dos leitores ávidos por uma boa história. O que não quer dizer que uma obra de literatura culta não possa tornar-se também um best seller (ter grande receptividade popular). Mas, afinal, o que é um best seller?

Na verdade, esta é uma pergunta difícil de ser respondida, pois nem sempre o gênero se define com muita clareza. Poderíamos dizer que ele (o gênero) é uma combinação variada dos elementos que compõem a estrutura do texto folhetinesco ou literatura de mercado, ou seja, costumam misturar elementos policiais, com aventuras, faroeste, com sentimentos ou sexo, com sagas familiares, com terror, etc. Outro complicador em nossa pergunta é o de que pode haver refinamento técnico-estilístico nos textos de massa e, portanto, nem sempre é fácil determinar-se teoricamente se se trata ou não de "alta" literatura. Na prática, todavia, não há tantos problemas: o público é mais numeroso quando o produto folhetinesco é verda-

deiro, isto é, quando o texto obedece a características intrínsecas do gênero.

O fato é que na obra de um mesmo escritor pode-se encontrar textos consagrados como literatura culta e textos de natureza claramente folhetinesca ou de "massa". O Machado de Assis de **Dom Casmurro** não é o mesmo de **Iaiá Garcia** ou **Helena**, como também o José de Alencar de **Senhora** não é o mesmo de **A Viúva**.

Pode também ocorrer que escritores conhecidos por seus trabalhos em literatura de massa desenvolvam paralelamente uma obra com pretensões "sérias". Conan Doyle, por exemplo, desprezava as aventuras de Sherlock Holmes — que lhe deram grande renome — e dedicava-se a romances históricos, praticamente desconhecidos. Como também pode ocorrer o contrário, como o escritor inglês Charles Dickens que produzia romances com um projeto de largo alcance popular, em bases folhetinescas, e depois ter suas obras reconhecidas como "cultas".

Conteúdos fabulativos

Mas na literatura de massa, nem o problema de língua e nem da técnica romanesca são as questões mais importantes. O que importa são os conteúdos fabulativos (a intriga com a sua estrutura clássica de



Carlos Alberto — PPS

Autonomia Cultural para Brasília

Com uma população de quase dois milhões de habitantes e com 34 anos de existência, Brasília já se consolidou como pólo cultural e celeiro de talentos, haja vista as inúmeras manifestações nesse sentido no Plano Piloto e nas cidades-satélites.

O DF é, sem dúvida, um grande centro de produção literária, com uma média de três lançamentos de livros por semana e mais de 500 escritores cadastrados no sindicato da categoria, um dos poucos do país.

Além disso, possui cerca de 12 academias literárias e um encontro semanal, já célebre, conhecido como "almoço com o Escritor".

Na área musical, com forte influência da Escola de Música de Brasília, destacam-se vários talentos, muitos com projeção nacional. Os ritmos do rock, do jazz, do rap, do blues, da MPB e a expressiva formação de corais e de coros fazem parte da realidade musical da cidade. Isso culminou com a criação da Feira de Música de

Brasília. Temos ainda uma farta produção nas áreas do teatro, das artes plásticas, vídeo, cinema, cartum, quadrinhos, entre outros.

Toda essa produção artística e intelectual deve receber maior incentivo do governo e da iniciativa privada, no sentido de fortalecer a divulgação da cultura local. A defesa cultural da cidade, seu desenvolvimento e democratização, são fundamentais no processo de consolidação da autonomia de Brasília.

princípio-tensão, clímax e desfecho), destinados a mobilizar a consciência do leitor. É o mercado, e não a escola literária, que dita as condições de produção do texto.

A presença determinante do mercado não quer dizer que o texto de literatura de massa não possa fazer crítica social, mas a crítica aparece, entretanto, como um discurso da história, isto é, como algo externo à ficção, que penetra no texto como informação verdadeira. É como se fosse um discurso reformista travestido de literatura. Pode até causar impacto social, mas não acrescenta coisa alguma à própria arte literária, que se define pela forma, isto é, a língua nacional ficcionalizada, gerando técnicas e conteúdos particulares.

Assim, mesmo com elementos de crítica social, o texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, com uma abundância de diálogos, capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama e de uma exploração sistemática da curiosidade do público. O texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de estimular a "curiosidade universal": crime, amor, sexo, aventura, etc., são alguns dos significados constantes, associados a informações trazidas no bojo das novidades técnico-científico-culturais. Esses conteúdos associados às imagens suscitadas pelo emprego do mito constituem o material de consumo do leitor.

No lugar de "leitor" poderíamos usar também o termo "espectador", pois a narrativa de massa não se restringe ao texto escrito,



“Na literatura de massa, nem o problema da língua e nem da técnica romanesca são as questões mais importantes. O que importa são os conteúdos fabulativos”

podendo estender-se a outros meios de expressão ou canais, como o rádio, o cinema, a televisão, a história em quadrinhos, a fotovideotexto, etc. Grande parte de narrativa folhetinesca de nossa época transferiu-se para esses meios (mass media), possíveis pela revolução tecnológica das comunicações. A passagem para outros meios implica outros **códigos** (regras de organização dos conteúdos), mas não muda a estrutura básica da literatura de massa. No cinema ou no livro, uma história permanece fundamentalmente a mesma, porque o mais importante são os conteúdos (mito e informações).

Com a literatura culta é diferente. A transposição do livro para um outro meio altera a natureza da obra original, porque esta se acha comprometida com a língua escrita. Não se trata de afirmar que o livro será melhor do que o

filme, mas que são duas coisas diferentes, quando se trata de literatura culta e literatura de massa.

Temática heróica

A indústria cultural tem retomado neste século toda a temática heróica do passado, orientando a imaginação no sentido do consumo. A figura do herói tradicional (valente e sedutor) domina o texto literário de grande consumo. Não há romance policial, de ficção científica ou de aventuras que deixe de apresentar ao público um personagem heróico todo-poderoso, embora sendo adaptado à linguagem da época para gozar de credibilidade. A isto os teóricos da literatura dão o nome de **verossimilhança**, o conjunto de regras de credibilidade a que o texto tem de obedecer para ser aceito.

Hoje, como no passado, o leitor projeta-se nas aventuras heróicas, dando vazão ao seu desejo de potência, de aproximar-se dos deuses e de poder, como o herói, escapando ao cotidiano repetitivo e monótono. Na narrativa de aventuras, a narrativa segue a ordem dos acontecimentos. Vai do antes para o depois, do prólogo ao desfecho. O desenrolar da intriga reproduz a sucessão dos fatos; ela adota o curso do tempo. O romance policial, ao contrário, parece um filme projetado ao inverso. Ele toma o tempo pelo contrário e inverte a cronologia. Seu ponto de partida não é nada mais que o ponto de chegada do romance de aventuras: o crime que põe fim a algum drama que se vai reconstituir em lugar do que se expôs inicialmente. No romance policial, com efeito, a narrativa segue a ordem da descoberta. Ele parte de um acontecimento que é uma

chegada e, desse dado, remonta às causas que precipitaram a tragédia. Ele reencontra sucessivamente as diferentes peripécias que o romance de aventuras teria relatado na ordem que se produziram.

O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode estudá-la com uma visão simplista e redutora limitando-a ao campo de efeitos dos estrategemas mercadológicos ou dos subprodutos da literatura culta.

Entretanto, se deslocarmos o lugar de onde produzimos juízos cultos e assumirmos a perspectiva popular, poderemos enxergar as operações mediadoras através das quais a indústria cultural se aproxima do povo. Pode-se localizar, então, na cultura industrializada para o consumo das massas, elementos da tradição narrativa e imagística do povo.

Ao se indagarem sobre os usos populares do produto de massa, ao procurarem ir além das frias avaliações de audiência ou das sondagens de mercado, professores secundários e universitários poderão, inclusive, aproximar-se da literatura de massa como material de ensino, o que não tem sido feito até agora. Além do mais, o gosto pela literatura folhetinesca poderá ser a fonte de esclarecimentos sobre as maneiras como as populações de tradição iletrada se relacionam com a situação de leitura ou decodificação do texto escrito ou visual.

□ **Wilson Rossato** é jornalista, assessor de imprensa do Detran-DF e autor de livros de bolso.



Pedro Celso — PT

Verba para atividades culturais

O deputado distrital Pedro Celso (PT) reservou recursos para filmes, vídeos, Casa de Cultura do Gama e conselhos de cultura de todas as cidades-satélites, durante o seu mandato. Em 1991, ele garantiu CR\$ 500 milhões no orçamento de 1992 para cada um dos conselhos de cultura investir em suas atividades culturais. O Conselho de Cultura de Ceilândia, por exemplo, promoveu shows, um seminário e editou uma revista, com temas relacionados com a música, educação e movimento popular.

No mesmo ano, Pedro Celso destinou mais de CR\$ 1 bilhão para a construção da Casa de Cultura do Gama, atendendo

pedido dos ativistas culturais daquela satélite. "A obra não saiu do papel por pura marcação política", disse o petista. No ano seguinte, o próprio governo se encarregou de garantir dinheiro para a obra. "Mesmo assim o Gama continua sem sua Casa de Cultura".

Durante a criação do Pólo de Cinema e Vídeo, Pedro Celso conseguiu aprovar duas emendas de sua autoria, garantindo recursos para a finalização de filmes e vídeos de cineastas e produtores brasileiros. "Era preciso favorecer as produções locais paradas por falta de patrocínio, desde 1985", explicou.

O Orçamento deste ano, via emendas de Pedro Celso, assegura, em valor de 1º de janeiro, CR\$ 120 milhões para Taguatinga reformar o seu Teatro da Praça; e Sobradinho, Samambaia e Ceilândia investir em atividades de seus conselhos de cultura. Dois projetos de lei voltados para o setor cultural foram votados e aprovados pela Câmara Legislativa. Ainda este ano, se a Câmara Legislativa aprovar dois projetos do deputado do PT, a cidade poderá contar com um Centro de Formação e Treinamento, na 508 Sul, e destinar os velhos ônibus da TCB para instalação de teatros, videotecas e bibliotecas volantes.